

ALOCUÇÕES DO PRESIDENTE DA ORDEM, NAS COMEMORAÇÕES DO XXV ANIVERSÁRIO DA SUA FUNDAÇÃO

I

Na sessão solene

Ex.^{mo} Senhor Presidente da República
Excelências
Meus Colegas
Minhas Senhoras
Meus Senhores

A Ordem dos Advogados apresenta a Vossa Excelência, Senhor Presidente da República, o testemunho da mais viva gratidão pela honra insigne que V. Ex.^a se dignou conceder-lhe, vindo presidir a esta sessão.

Nos vinte e cinco anos da sua existência, a Ordem tem procurado, com afã não desmentido, impor-se à consideração geral, pela dignidade das suas atitudes, pelo aprumo da sua conduta, pela defesa intransigente dos direitos da profissão que representa, pela sua obra de cultura, de assistência, de preparação dos novos que até nós chegam, com todos os entusiasmos e todas as ilusões da Juventude — «*a flor de lotus que em cem anos floresce apenas uma vez*», no dizer admirável de Junqueiro.

É-nos sumamente grato verificar que esse objectivo da Ordem foi alcançado — pois se o não fosse não mereceríamos a honra que nos dá S. Ex.^a o Sr. Presidente da República — que respeitavelmente cumprimento — vindo associar-se a esta cerimónia tam simples, mas de tam alto significado, comemorativa do primeiro quarto de século da existência da nossa Corporação.

Para tudo ser emotivo, a essa honra junta-se, porém, a de conosco também aqui se encontrarem os mais altos expoentes de todos os outros órgãos do Estado : a Assembleia Nacional e a Câmara Cor-

porativa, representadas pelos seus ilustres presidentes; o Governo, pelo Senhor Ministro da Justiça; os Tribunais, pelo Senhor Conselheiro Presidente do Supremo Tribunal de Justiça, e a representação do Estado junto deles, pelo Senhor Procurador Geral da República.

E, depois da representação da Soberania, ¡ que brilhante teoria de outras presenças!: as Universidades e as Faculdades de Direito, onde todos nós, os do foro, bebemos a nossa cultura; as duas outras únicas Ordens profissionais, tam cheias de justo prestígio, dos Médicos e dos Engenheiros; as primeiras figuras da nossa intelectualidade!...

Não fosse o orgulho «o caminho do erro», e eu diria que a Ordem tinha razão para orgulhar-se de merecer o apreço que a presença de tam ilustres individualidades traduz.

Prefiro, contudo, tirar do facto mais um estímulo para que prosigamos na nossa rota, que um motivo de vaidade; e, agradecendo a V. Ex.^{as} o favor de connosco estardes, a todos cumprimento.

*

* *

A todos — e, com emoção especial, aos insignes advogados representantes das Ordens estrangeiras — que só porque eles — e nós — são — e somos — advogados, de suas terras distantes acorreram a comungar connosco nesta comemoração.

Vejam V. Ex.^{as} o simbolismo admirável de tal atitude!

Foi Pascal que disse: — *«il serait bon qu'on obéit aux lois et coutumes, parce qu'elles sont lois et que le peuple comprit que c'est là ce qui les rend justes».*

Ora nós queremos precisamente que se obedeça às leis, pois que a obediência é que as torna justas, — e é esse todo o nosso combate: — combate sem tréguas — de horas, de anos, de vidas; combate rude e implacavelmente conduzido, na única profissão em que o trabalho é sempre luta — e quantas vezes luta aniquiladora!

Formámos os nossos espíritos para servir o Direito — que, com labor ingente, ajudamos a forjar no cadinho dos Tribunais; e, por isso, temos das coisas um conceito próprio, que às vezes nos faz parecer rebeldes — quando somos apenas estrénuos legalistas.

Esta formação mental cria entre os homens do foro uma solidariedade única e um espírito de classe indestrutível, que só não tocará uns raros que, por mero acidente, exerçam a profissão, mas que, na realidade, não tenham a *alma* dos advogados.

Como já notou Angel Ossorio, ao invés do que sucede noutras carreiras, em que o ódio é uma positiva manifestação da ferocidade humana, nós, os advogados, pois que a nossa missão é lutar, quando deixamos de estar a exercê-la procuramos a paz e estreitamos as mãos.

Por isso a nossa Ordem, com 25 anos apenas, conseguiu já a estrutura e o cunho de uma corporação muitas vezes centenária; tam antiga como a nossa profissão, cuja regulamentação minuciosa vem, em Portugal, das Ordenações Afonsinas, com costumes, liberdades e imunidades tradicionais, que a Ordem tem defendido — e há-de continuar a defender e a assegurar.

Que a criação da Ordem era indispensável, é asserto insusceptível de discussão.

Por melhores que sejam os elementos de qualquer classe, para que ela se aperfeiçoe e progrida, torna-se mister regulamentar e disciplinar a sua actividade; e quando a organização desaparece, so-brevem o caos.

A França dá-nos um exemplo vivo desta verdade.

Ali, a Revolução suprimiu a Ordem; mas, para assegurar a boa administração da Justiça, Napoleão teve pouco depois de restabelecê-la, permitindo que ela continuasse a exercer a acção modelar que a tem feito paradigma de todas as agremiações de advogados.

Entre nós, desde há muito que estadistas notáveis, como Veiga Beirão, Mesquita de Carvalho, Álvaro de Castro, Abranches Ferrão, vinham querendo fundá-la, acalentando sonhos que, afinal, só Manuel Rodrigues veio a corporizar; e a corporizar em moldes larguíssimos, que constituem honra excepcional para os advogados portugueses, a quem se confiou o seu próprio governo e, mais do que isso, a sua própria disciplina, em condições que traduzem uma certeza das suas dignidade e capacidade que, felizmente, o tempo mostrou ser inteiramente fundada.

Pois agora, a demonstrar a razão do que antes afirmei, e a solidariedade magnífica de todos os advogados, — só porque às Ordens estrangeiras dissemos do prazer que nos daria ver representantes

seus associarem-se às comemorações da fundação da nossa — logo elas acorreram ao apelo, e aqui estão alguns dos maiores advogados do mundo, a trazer-nos a presença das suas corporações.

E que advogados!

Haroldo Valadão, advogado honorário da Ordem portuguesa, professor insigne da Universidade do Brasil, Presidente da Ordem dos Advogados Brasileiros, e Alberto Torres, presidente da secção do Rio de Janeiro da mesma Ordem, embaixadores fulgurantes dessa Nação que criámos, para glória nossa e projecção universal e eterna do nome de Portugal; Don Roberto Reys, da Junta Directiva do Ilustre Colégio de Abogados de Madrid, velho amigo desta casa, cuja tribuna já honrou com a sua presença, e primeira figura dos homens do foro da grande pátria vizinha; o *Bâtonnier* Thevenet, da Bélgica, que desde a fundação da célebre Feitoria da Flandres, tam estreitos laços tem mantido com o nosso país; o *Bâtonnier* André Toulouse, de Paris, cidade mãe dos nossos espíritos, presença sempre viva nos nossos corações, facho da França imortal, e eterna capital do mundo; os Drs. Salminci, da Ordem dos Advogados de Roma, Uras, do Conselho Nacional Forense, e Moschella, da Caixa de Previdência dos Advogados Italianos, portadores, todos, das tradições de Roma, mãe do Direito, e os dois primeiros honrados com a representação do Presidente Orlando, figura das mais altas entre os juriconsultos de hoje, e do Professor Calamandrei — mestre insigne de processualistas, mas, sobretudo e acima de tudo — *advogado!*

A alegria destas presenças, só a contraria a lembrança de que (parafraçando o Padre António Vieira), não será tam privilegiada que não pague pensão à tristeza da partida breve destes eminentes homens de toga.

Mas lembro-me de que um deles nos traz, com a representação de Calamandrei, o elogio dos juizes escrito por um advogado; e aproveito a sua presença para me servir de palavras do grande jurista italiano e para recordar que, no seu dizer expressivo, «*a confiança nos juizes é o primeiro dever do advogado*»...

Essa confiança temo-la nós, os advogados portugueses, nos juizes portugueses; e eu não queria nem devia deixar de afirmá-la, deste lugar e neste momento, que aproveito para lhes dirigir, antes de finalizar, uma saudação especial.

* *

... E, agora, dir-me-eis que não falei da Ordem, nem da sua fundação, acontecimento que deu ensejo à vossa honrosa presença.

Será certo o reparo ; mas é plenamente justificado o meu silêncio.

Dum lado, poucos sabem falar daquilo a que muito querem ; doutro, a história da Ordem só pode ser feita por quem a tivesse acarinhado nos primeiros passos, e tirado, da sua devoção, o engenho preciso para dar-lhe vida e forma.

Ora um dos heróis desse trabalho ingente, foi o Dr. António de Sousa Madeira Pinto, a quem, se V. Ex.^a, Sr. Presidente da República, se dignar autorizar-me a que o faça, em breve darei a palavra para narrá-la, deleitando V. Ex.^{na} com o seu verbo persuasivo e fluente.

Tenho dito.

II

No banquete comemorativo

Ex.^{mo} Senhor Ministro da Justiça

Senhores Magistrados, Professores e Advogados

A Ordem dos Advogados agradece a V. Ex.^a, Sr. Ministro, com o mais sincero reconhecimento, o favor da sua presença a este primeiro acto público comemorativo do 25.^o aniversário da sua fundação.

Ao idear a série de actos que ficarão assinalando o acontecimento, os homens que se encontram à frente da Ordem, e dos quais o mais humilde é o que vos fala, só tiveram um propósito : mostrar que a classe a que pertencem é digna da autonomia que lhe foi dada, e tem, pelos seus méritos, disciplina e compostura, o direito de se impor ao respeito e à consideração gerais e de reclamar o pleno reconhecimento das suas dignidades e imunidades de sempre.

Servidores do Direito — na sua mais alta expressão, que é a dinâmica ; aquela que arranca ao estatismo dos Códigos as regras indis-

pensáveis à segurança da vida social, quisemos que a reunião de hoje traduzisse, sobretudo, o entendimento e o espírito de colaboração de quantos, ao serviço do Direito, consagram as suas vidas, queimando-as, a cada instante, na ara da Justiça — ideal em que todas as virtudes se encerram, como escreveu um filósofo célebre.

Por isso nos propusemos reunir aqui, a um tempo, o Chefe da Justiça portuguesa, de quem, por lei, a Ordem depende, e que, nas suas relações com esta, tem mostrado o seu espírito compreensivo, dado que nenhuma outra classe haverá tam ciosa da sua independência, que se filha nas próprias raízes da sua criação; os Juizes, que administram a Justiça que impetramos, nossos companheiros nas lutas de cada dia; os Mestres, que nos armaram para os combates da vida, e nos ensinaram haver um Direito do mais sábio, mas não um Direito do mais forte; e os Advogados que tenho a honra e o orgulho de representar.

Conseguido e vincado esse objectivo, poderia, talvez, limitar-me a agradecer a todos a honra e o favor de haverdes acorrido ao nosso apelo, deixando que depois o silêncio exprimisse o que as palavras não podem traduzir, porque, sendo grandes, não são o que há de maior, como disse Maeterlink; mas sinto que tenho de acrescentar algo, embora em imodesto louvor da Ordem cujo aniversário se comemora.

Temos 25 anos de existência; muito na vida dos homens (e tantos desapareceram do nosso fraterno convívio neste espaço!) — mas nada na vida da Humanidade, que segue a sua rota para o futuro — que é sempre o pior, na expressão de Séneca.

Passámos as hesitações e incertezas iniciais; à timidez dos primeiros passos sucedeu a caminhada firme, com uma segurança e confiança que o reconhecimento da nossa força, assente numa esplêndida unidade, a todos inspirou; e, hoje, podemos orgulhar-nos duma obra que é magnífica, no campo cultural, no campo disciplinar, no campo da assistência — e até na preparação do futuro, pelo desvelado carinho que dispensamos aos que chegam a engrossar as nossas fileiras, em que a morte abre vagas incessantes, fazendo que sangrem os nossos corações.

Tudo isto se conseguiu porque os homens que fizeram a Ordem, com o seu sacrifício, a sua dedicação e o seu heroísmo, puseram, ao serviço dela, a mais nobre, corajosa e leal das isenções.

Provindos das mais diversas origens; orientados pelos ideais mais dispares; acalentando em seus espíritos as mais desconformes concepções; — ao serviço da Ordem foram sempre — e só — advogados; e daí veio o prestígio que alcançámos e a largueza da rota que já abrimos.

Por mim, que acompanho a Ordem desde os seus primeiros passos, e há sete longos anos a sirvo com devoção inexcedível, em lugares de comando — sinto que não falhei nunca a este imperativo de consciência; e fazendo um exame sereno da minha acção, só reivindico o direito de proclamar com orgulho que segui o exemplo dos meus antecessores, a quem cabe o mérito do rumo traçado, e que tenho servido a única política que pode caber nesta casa — que é a política da Ordem, do seu prestígio e do seu engrandecimento — pelo qual me tenho batido sem tibiezas e com uma fortaleza de ânimo que poderá ser igualada, mas não poderá ser excedida!

Assim procedem, por toda a parte, as Ordens dos Advogados; e em tal conduta é que encontram a força e o prestígio que geralmente as cerca; força e prestígio que quizeram trazer a dar brilho à nossa festa, os mais ilustres representantes de algumas delas.

Olho à minha volta, e vejo — por ordem alfabética de nações, porque, igualadas em méritos, de outra forma não podia abrir precedências — as Ordens da Bélgica, do Brasil, da Espanha, da França e da Itália, a brindar-nos com as suas mensagens de solidariedade.

Vejo o Bâtonnier Thevenet, cujo espírito fulgurante nos encantou; o Prof. Valadão, querido e velho Amigo, advogado português honorário, e o Dr. Alberto Torres, filhos da pátria irmã, prolongamento de Portugal no mundo; o Dr. Roberto Reys, também já nosso conhecido antigo, portador de saudações da Espanha luminosa e cavalheiresca; o Bâtonnier Toulouse, representante da França, mãe dos nossos espíritos; os Drs. Salminci, Moschela e Uras, transportando o facho do Direito nascido na Roma imortal que aqui os enviou.

E, sinto ao vê-los, o orgulho enorme de ser advogado, e a força da profissão — que tanto a todos nos une, que bastou um apelo de irmãos distantes, para que eles logo acudissem ao nosso chamamento!

E no meu peito acende-se uma nova chama de fé, e de confiança, e de certeza; e tanto basta para que eu encare, tranquilo, o porvir

da minha Ordem — fundada há 25 anos, amparada pelo sacrifício de tantos que partiram, pelo amor de tantos que lhe querem, pela confiança de todos que são dignos dela !...

Sr. Ministro !

Srs. Magistrados !

Srs. Professores !

Meus irmãos — advogados de todo o mundo !

Meus irmãos — advogados portugueses !

Obrigado pela vossa presença !

**E deixem que o Presidente da Ordem erga a sua taça por V. Ex.^{as}
— e pela Ordem dos Advogados Portugueses !**

ADELINO DA PALMA CARLOS